



A

N.º 87—LISBOA, 20 DE NOVEMBRO

2
ANNO
1911

PARÓDIA

PREÇO DA ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADIANTADO)
Lisboa, provincias e Africa serie de 26 numeros. 500 réis
Cobrança pelo correio custa..... 50 1000
Estrangeiro, accresce o porte do correio.
Preço avulso 20 réis
Um mez depois de publicado 40 réis

Publica-se ás quartas-feiras
PROPRIETARIOS:
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
E
M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO
Redacção—RUA DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º

ADMINISTRADOR—GONZAGA GOMES
Administração—R. DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º
Composição: Minerva Peninsular,
111, Rua da Alameda, 113
Impressão: Lythographia Artistica,
Rua do Almada, 32 e 34
EDITOR—CANDIDO CHAVES

O PESADELLO DO INQUILINO

«O dia 20 devia ser riscado do calendario.»
Um inquilino.



O pobre sua e tresúa,
Já tem as barbas de môlho:
Se paga,— é um páu por um olho!
Se não paga,— é o olho.. da rua!



POR BEM!



Não ha duvida nenhuma de que somos um paiz de bem intencionados.

A boa intenção, entre nós, é já tradicional.

Tão tradicional, como a fama de amorosos que nos creou Lope de Véga, e como o alvará de bonitos homens que nos passou a Ratazzi... depois de ter visto o sr. Rosa Cattatáu.

As tradições conservam-se.

Desde velhas datas, que uma tolice illustre do rei D. João I consagrou a fórmula predilecta: *Foi por bem*. Nós fazemos tudo por bem. Desde a scena do beijo na sala das Pêgas, as nossas intenções concretisaram-se n'essa divisa solemne.

Nada é por mal. Nada é para máu fim.

Mas o que é fóra de duvida é que a baboscira d'esse rei de virtudes gothicas, passou, atravez séculos, da pédra gravada d'um anel real, para a cabeça archi-reformadora do sr. Presidente do Conselho.

Sua ex.^a já arranjou uma desculpa para todos os seus desmandos dictatoriaes:

— *Foi por bem*.

É tudo com boa intenção. Se dá tolice, não importa: *foi por bem*. A intenção lá está, para desculpar o résto: a intenção... e as Pêgas, que, no caso do sr Hintze, são o que ha de melhor,—pêgas méstras, pêgas de bico d'oiro, pêgas que a sabem toda, desde o sr. Emygdio Navarro até ao sr. Mariano de Carvalho, e que estão sempre promptas para dizer logo, a cada escoregadela do sr. Hintze Ribeiro, o lendario «*Por bem*» das pêgas de Cintra.

Por exemplo, *foi por bem* que o sr. Presidente do Conselho reformou o Conservatorio e a Academia de Bellas-Artes.

Da Academia, com a nova cadeira de litteratura, em vez de sahirem pintores, sahem litteratos. Do Conservatorio, com a nova cadeira de gymnastica theatral, em vez de sahirem actores, sahem acrobatas.

Entretanto, o que salva as reformas, não é o terem sido boas: é o terem sido feitas com boa intenção. *Por bem*.

Toda a gente sabe que não foi por mal que o sr. Hintze deu ordem de prisão ao sr. Frederico Franco, —que sem ser pae alcaide, é, pelo menos, pae que vive em Alcaide.

Pelo contrario: foi com a melhor das intenções. Para vêr o effeito que fazia o sr. João Franco, vestido de Santo Antonio, a salvar da força o seu illustre progenitor.

Como se vê,—tudo *por bem*.

É ainda *por bem* e para bom fim, que temos de novo mr. Lhomme a bater nos á porta.

Por bem, —segundo a versão provavel do sr. Mattoso das 2.^{as}, 4.^{as} e 6.^{as}, que ha de empregar toda a ourivesaria financeira das suas frases e toda a gesticulação meúda e sapudinha de que dispõe, para embarrilar o illustre francez, convenientissimamente.

Mas devemos não esquecer que «nem só de promessas vive Lhomme», e que por conseguinte, no fim de tudo, o embarrilado é o sr. Mattoso, que, por ser pequeno, é o ministro mais portatil que tem a Corôa, e por isso mesmo facilimo de embarrilar, — isto é,— de emmalar.

Entretanto, as pêgas do *Popular* e das *Novidades*, que a sabem toda, pêgas méstras, pêgas de bico d'oiro, não de continuar a rir-se, com as suas letrinhas gothicas no bico, e a gritar conciliadoramente, cá para baixo, como as pêgas do paço de Cintra:

— *Foi por bem! Foi por bem!*

THYRSO.



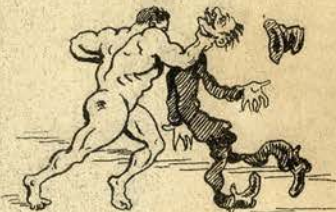
Na Boa Hora;
Juiz—(a uma testemunha, senhora já du-
rasia) - Quantos annos tem, minha senhora?



Testemunha—(com ar de dignidade)—
Os srs. jurados que apreciem!

Miudezas

No Porto anda toda a gente assaralhopa-
da com o caso nefando de ter sido aggre-
dido ou não ter sido agredido um homem-
sinho chamado Espinheira, pelo sportman
Oliveira e Silva, tambem accusado, com
outros, de transacções mercantis de primei-
rissima.



E parece que causou profunda indignação
o ter sido visto o alludido Oliveira passear
de carruagem, logo que se viu livre dos pri-
meiros apertos judiciaes.

Não nos parece caso para indignações
Antigamente, quando o Oliveira pegava em
grandes pesos, causando o assombro do
portuonse, costumava passear a sua linda
figura, a pé, pelas ruas da Invicta.

Agora não admira que o faça de carrua-
gem, visto que excede todos os limites das
forças, aguentando com o peso... de ta-
manhas responsabilidades!



Diz-se geralmente que o portuguez não é
espirituooso, mas sim apenas engraçado. É
uma doce mania, como qualquer outra, que
não faz mal a ninguém. Mas o que é certo é
que em terra de luzos ha quem tenha espi-
rito e muito bom espirito.

Por exemplo: um cavalheiro cujo nome
nos não occorre agora, auctor da quadra
que segue, feita a um sujeito de nome Ar-
mando, que ia casar com certa dama de re-
putação duvidosa:

Armando, olha o que fazes!
Armando, toma cuidado:
Vê não passes de gerundio
A participio passado!



Outra ideia genial do sr. Mattoso é con-
ceder licença aos empregados de fazenda
sem que elles a peçam.

Ora eis como um jornal explica a coisa: É
para evitar vexames escusados aos sujeitos
a quem estão confiados cofres do Estado,
quando tenham de ser syndicados por ter-
rem feito patifaria grossa, vulgarmente co-
nhecida por *alcance*.

Ainda havemos de chegar á perfeição de
serem apresentados ao ministro requerimen-
tos n'estes termos:

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr.—F... desejando alcançar-se
em quantia que lhe garanta a subsistencia, e
não podendo levar a effeito os seus dese-
jos sem prejudicar o regular andamento do
serviço, pede a V. Ex.^a lhe conceda tantos
dias de licença, para fazer o trabalho com
certa limpeza.

E como succede ser V. Ex.^a, tambem mi-
nistro dos estrangeiros, roga mais o suppli-
cante o bom favor de um passaporte diplo-
matico, para poder raspar-se para o extran-
geiro sem incommodo de maior, já para o
supplicante, já para a policia do seu paiz.

E. R. M.



Ainda não foi possivel arranjar professor
de daclamação para o Conservatorio.

Oh senhores, muita falta faz o mudo de
Alcantara!



Está succedendo com sr. Hintze Ribeiro,
n'esta questão dos ablativos que lhe escre-
vem cartas passando-lhe o pé, uma coisa pa-
recida com certa situação do voltarete:—
quanto mais os outros se *descartam*, mais
codilhos o pobre homem apanha!

Até parece partida da prohibida batota!

Cumulo:



De gratidão.—Confessar-se muito penho-
rado pelo procedimento da Boa Hora.



PENSAMENTOS, PALAVRAS E OBRAS PUBLICAS



No homem prudente nunca se deve verifi-
car o phenomeno da ausencia da presença
de espirito.

Miguel Bombarda.

SEM CASA, SEM CAMA E SEM MESA!

Fatal dilemma de Zé Povinho

NOVEMBRO
20



NOVEMBRO
20



NOVEMBRO
20



NOVEMBRO
20



NOVEMBRO
20



NOVEMBRO
20



RENTA DE LASAS



Habitação para mim, — quér dizer: tudo para o prégo.

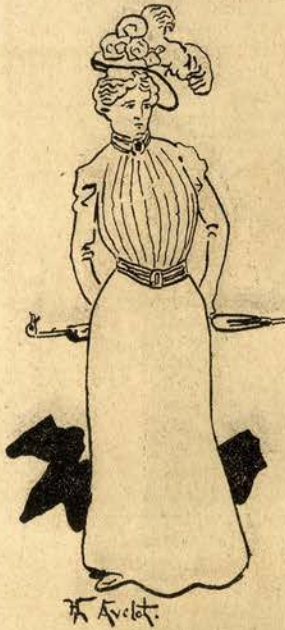


Alimentação para mim, quér dizer: cruces na bocca.



N'esta bella situação em que me encontro, não poderia ser utilizado, como ornato, na projectada decoração do Chiado?

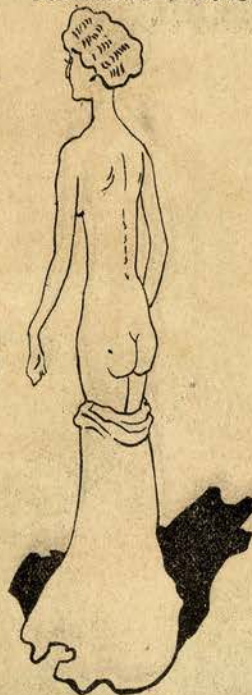
RAPHAEL BORNALLO PINHEIRO



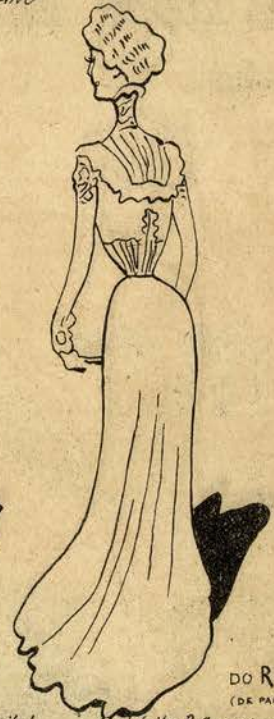
Que mulher tão mal feita!..



Mal feita? Se a visses nua, ai menino, é a propria Venus de Milo.



Que mulher tão mal feita!..



Mal feita? Se a visses vestida é a mulher mais elegante da Lisboa

DO RIRE
(DE PARIS)

Tyrano da Bregeirada

(Parodia da Parodia ao Cyrano de Bergerac)

SCFNA FINAL

Tyrano (no dilirio meningitica)

Eh? quantos sois? Sois mil? Costumado aos perigos
Reconheço-vos bem, meus velhos inimigos!
João Franco?

(fere no espaço)

Ah! maroto! O Bacôco? O Burnay?
O Sarmento, o Baracho e os que passaram pé...

(fere os phantasmas)

Ahi! ahi! E tu, cuja máscara engana,
Oh! imbecilidade, oh! estupidez humana!
Toma! toma! Nem tu, consegues metter medo,
Oh! phantasma! oh! papão! oh! José d'Azevedo!...
Role embora na terra estrangalhado e inerte!
Hei-de bater-me!... Hei-de bater-me!... Hei-de bater-me!...
Tenho a fronte mortal coroada de flores...
Arrancaes-m'as? Melhor! Quando livre de dores
Minha alma entrar no ceu, cançada de soffrel-as,
E repouzar emfim, no seio das estrellas,
Uma coisa ha que levo, intacta, cá de baixo,
Sem uma nodoa...

(perfila-se, hirtó, com a espada erguida)

e é...

(cae-lhe a espada. Torna-se rigido e de repente, tomba na terra)

Roxane (anciosa)

E é?..

Tyrano (junto do chão)

O meu rico penacho!



Céus de vidro

Depois do Sr. Hintze Ribeiro, a pessoa mais procurada na ultima semana foi o Sr. Mendonça e Costa.

Sua ex.^a, que já era vantajosamente conhecido pelos seus calembourgs, desde que teve a idéa realmente muito interessante de cobrir o Chiado com um céu de vidro, tornou-se um nome verdadeiramente popular, como o do Sr. Mousinho d'Albuquerque, por exemplo, que, para as más linguas, passa por ser o verdadeiro auctor do célebre livro—*Educação de Príncipe*.

Os mendonçacotismos de sua ex.^a, muito cheios da *marivaudage* que caracteriza as suas obras, eram um tanto obscuros,—motivo este por que não passaram da Academia Real das Sciencias e do mundo culto.

Mas o céu de vidro, é realmente uma idéa muito clara,—e tão clara, que se tem feito uma verdadeira peregrinação para casa de sua ex.^a.

O Sr. Mendonça e Costa, que não tem podido almoçar nem jantar descansado, já hontem nos mandou dizer que não havia nada mais incommodo do que ser-se uma creatura illustre n'este paiz.

Nós estamos d'accordo,—porque tambem nos tem custado muito.

O que nunca supposemos, foi que sua ex.^a fosse tão procurado,—e por tão boa gente.

Ha dias, por exemplo, esteve em casa do Sr. Mendonça e Costa uma commissão composta dos Srs. Mottoso dos Santos, bi-ministro da fazenda e dos estrangeiros, do Sr. Tabordinha, e do Sr. Agostinho Soto-menor, tudo gente pequenina, minuscula, celebridades em miniatura physica, para fazer ao illustre cérebro da commissão de melhoramentos do Chiado um extraordinario pedido.

O Sr. Mendonça e Costa, envergonhado da sua altura, recebeu-os de cócoras:



—Que desejam v.ª ex.ª d'este seu humilde servo?

O certo foi que depois de muita conversa veio a saber-se que os tres liliputianos queriam, nada mais nada menos, que o Sr. Mendonça e Costa mandasse pôr no Chiado, não um tecto de vidro simples, como era a primeira idéa de sua ex.ª, mas um tecto de vidro com gráu, de vidro d'augmentar, para que as meninas dos primeiros andares da rua nobre, ao verem passar as tres illustres seminimas dissessem de si para consigo:

—Ena, paé! Que gigante!

DE BORLA

Decididamente, a respeito de espectáculos, estão na ordem do dia o fakir no Colyseu e o sr. Posser nos Rantau.

Se as manigancias horribes do indio espantam o publico, não lhes fica a traz a maneira surpreendente por que o sr. Posser canta toda a opera. Uma coisa verdadeiramente ornitológica!

Ha então uma phrase no 2.º acto, que se bem nos recordamos é: — Eu te ensinarei quem é João Rantau! — dizendo a qual o sr. Posser dá o dó de peito admiravelmente:

João Rantau... aiiúú!

E' tal e qual ouvir apregoar agua. A illusão é completa e o effeito assombroso. Só lhe falta o barril!

Um collega nosso, referindo se justamente entusiasmado ao colossal desempenho do papel de João Rantau pelo illustre artista, diz:

«Posser feriu extraordinariamente a corda dramática...»

Pois ficou o collega muito áquem da verdade. Devia ter dito:

«Posser feriu extraordinariamente a pau e corda dramática...»

Porque a verdade é que elle fez tudo aquillo sem escupir nas mãos nem dizer caramba!



Sem receio de ser immodestos, diremos que depois das reformas de Bellas Artes, da chegada de mr. Lhomme, da renda das casas e da questão do pão, o acontecimento da semana foi a boa nova da continuação do *Album das Glorias* pelos nossos directores Raphael Bordallo Pinheiro e Manoel Gustavo.

Têm-nos chegado grande numero de assignaturas para a nova publicação, que ficará constituindo o 2.º volume do célebre e antigo *Album das Glorias*, — realçado, d'esta feita, com os novos progressos da reprodução colorida.

As pranchas serão executadas em photolithographia, e os artigos que acompanham as varias caricaturas pessoasas levarão os nomes dos nossos mais brilhantes e mais conhecidos escriptores.



BIBLIOGRAPHIA



A b c do Povo, por Trindade Coelho. Um livro curioso — mais um — do illustre prosador Trindade Coelho, que n'estes ultimos tempos tem sido d'uma fertilidade extraordinaria.

Paraceu-nos muito interessante esse livrinho, feito para mãosinhas cor de rosa de creanças e pa a lindos olhos puros passearem por elle.

E tanto, que chegámos a ter tentações de tornar a aprender a lêr...

Judas, romance lirico do sr. Augusto de Lacerda.

Judas, tem sido, como a *Magdalena*, o sonho illuminado dos que, pela primeira vez, tentam voó no theatro.



O sr. Lacerda não poude furtar-se á lei geral, e deu-nos um *Judas* em romance lirico, — *Judas* que as emprezas regitaram por excessivamente dispendioso, quando lhes foi apresentado como simples peça de theatro.

Pela leitura já feita d'algumas scenas, cumprimntamos o auctor.



O Cosmorama, por Sebastião Sanhudo. Homenagem piedosa d'um grupo d'amigos ao espirituoso e desaparecido artista, cujo lapis tinha scintillações bruscas de talento creador.

Fazem parte do pequeno volume, dado em forma de almanach, duas séries, impressas a quatro côres: *as ruas do Porto* e *os Braços das cidades e Villas de Portugal*.

A capa é do nosso talentoso collaborador e amigo Manuel Monterroso.

PORTUGALIA

Portugalia. Materias para o estudo do Povo portuguez. — Directoria de Ricardo Sevéro.

Uma grande obra, que ficará como um monumento. Estudo progressivo e systematico, dado em monographias lentas, mas preciosas.

Felicitações ao nosso amigo Ricardo Sevéro por mais este tomo d'um tão rico estudo ethnographico, que só a sua boa vontade e o seu talento poderiam levar a cabo.



Projector Anunciador

Ora lavrem lá dois tentos, amigos do *Projector*! Uma bella idéia para divertir o Zé Povinho, e um excellent annuncio para tudo, — lojas, theatros, livros, obras, namoros, casamentos, e mais miluezas catholicas, apostolicas, romanas!

E depois, muito amaveis! Obrigadissimo. As nossas veronicas e o cabeçalho cá da *Parodia* no ecran do *Anunciador*, são gentilezas que não se esquecem!

Sorte, saude... e libras!



Companhia Real

DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

Exploração

Fornecimento de uniformes

Pela 1 hora da tarde do dia 10 do proximo mez de Dezembro na estação Central de Lisboa (Rocio) perante a Commissão Executiva d'esta Companhia, serão abertas até aquella hora as propostas recebidas para o fornecimento de uniformes para o pessoal de estações e de trens, até 31 de dezembro de 1902.

As condições para esta arramatação estão patentes na repartição do Pessoal da Exploração estação de Lisboa, Santa Apolonia) todos os dias, não santificados, desde as 10 horas da manhã até ás 4 da tarde.

As propostas deverão ser enviadas á Direcção Geral da Companhia (estação de Santa Apolonia) em sobrescripto fechado e com a indicação exterior seguinte:

Proposta para o fornecimento de uniformes

Deposito provisório a fazer na Caixa da Companhia — Rs. 100.000.

Lisboa, 7 de Novembro de 1901.

O Director Geral da Companhia
Chapny

AVISO AO PUBLICO

No dia 20 de Novembro de 1901 entra em vigor em todas as linhas d'esta Companhia, o novo horario que se acha affixado nos logares do costume.

Lisboa, 14 de Novembro de 1901

O Director Geral da Companhia,
Chapny.

A PARODIA

O 1.º volume encadernado com a capa especial

Preço 2\$500 réis

Capa para encadernação do 1.º volume

Preço 700 réis

A Administração encarrega-se de mandar encadernar o volume pela quantia de 200 réis.

Os pedidos de volume devem vir acompanhados de 200 réis, e de capa, de 40 réis para porte do correio.

O MONOPOLIO DO PÃO



Ahi vem elle...

Agora é que são ellas!